
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A POESIA MATO-GROSSENSE NA MIRA DO HISTORIADOR,
CRÍTICO E POETA RUBENS DE MENDONÇA

Dr^a Rosana Rodrigues da Silva
(UNEMAT)

RESUMO: A análise apresenta a historiografia literária do poeta e historiador Rubens de Mendonça, considerando os principais representantes da literatura mato-grossense, em um percurso que vai das origens à afirmação cultural. Buscou-se recuperar o estilo do historiador, seguindo as orientações de Roland Barthes; e identificar o mérito do crítico que soube interpretar diferentes manifestações literárias do Estado. Rubens de Mendonça desvela um universo poético de obras e autores ainda inéditos, em sua maioria; e instiga-nos a um mergulho analítico nessa produção.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Literatura; Poesia; Mato Grosso.

O modo como o poeta Rubens de Mendonça entende e comenta a poesia em sua *História da Literatura mato-grossense* diferencia-se do modo como o historiador comum, que não tenha o olhar amalgamado ao do poeta, focaliza e explica essa mesma poesia. É claro que a visão do poeta é sempre mais sensível às nuances do fazer poético e pode levar o analista a entender de modo privilegiado o poema enquanto montado na oficina, ou enquanto evocado no recanto da solidão. O crítico-poeta compreende melhor os bastidores do poema, sempre suspenso e indefinível para aqueles que dele só conhecem o finalmente, a obra pronta. Contudo, não se resume nisso simplesmente as particularidades da historiografia de Rubens de Mendonça. O modo de entender, contemplar e criticar uma poesia regional e ainda anônima, difere da posição de quem analisa uma produção literária já canonizada pela crítica nacional. Certamente, é diversa a abordagem desse historiador, envolvido com uma poética que deve ascender sua memória cultural.

Da análise desenvolvida por Rubens de Mendonça em sua historiografia, publicada em 1970 e reeditada em 2005, depreendemos aspectos da leitura que, se não ajudam na compreensão metodológica da obra, ao menos nos orientam para a definição de um estilo no qual o autor se assenta enquanto historiador e crítico. O estilo, conforme assinala Roland

Barthes, em *O grau zero da escritura*, representa um tipo de linguagem mergulhada no íntimo do autor; não chega a ser o produto de sua escolha ou reflexão sobre a Literatura, mas traduz “as profundezas míticas do escritor e se expande para fora de sua responsabilidade” (Barthes 2000: 11).

Um aspecto desse estilo, ao qual nos deparamos de imediato, são os comentários acerca dos poemas e poetas citados. O crítico realiza considerações superficiais a outras mais aprofundadas que nos informam detalhes das obras, influência do poeta e outros pareceres da crítica local. Em todo caso, esses comentários denotam o nível da apreciação do autor. Se um poeta é merecedor apenas de uma linha, um outro pode merecer uma ou mais páginas, com maior entusiasmo do crítico. Notamos o humor e ironia na escrita de Rubens de Mendonça que não se intimidou na crítica negativa a autores medíocres ou a pessoas públicas. Sobre o romântico Antônio Gonçalves de Carvalho, por exemplo, o historiador afirmou: “para época foi um bom poeta”. No comentário a um poema do ex-governador do Estado, Jari Gomes, o autor afirma que o soneto transcrito, “formado de palavras retumbantes, não passa de um bestialógico sem pé nem cabeça”.

Em outro momento, ao tratar do poeta Tertuliano Amarilha, autor de *Lira Mato-grossense*, o historiador cita a crítica de Hélio Serejo que considerou os versos de Tertuliano espontâneos e repassados algumas vezes de lirismo ingênuo. A esse comentário, Rubens de Mendonça responde: “eu, porém, os acho apenas ingênuos”.

São contundentes e sinceros os comentários do crítico que desde a primeira referência à poesia mato-grossense, na fase colonial, já aponta a pobreza de rima na poesia de José Zeferino Monteiro Mendonça. Sua obra revela-se pouco trabalhada tecnicamente e bastante laudatória, o que na visão do historiador é fato compreensível diante de uma época que tinha como modismo oferecer o poema aos “mandões da terra”.

Do aparecimento do primeiro poeta ao segundo, temos um século de intervalo, período do qual somos informados apenas da produção científica, expedições, anais e livros de história. O segundo poeta surge então já no Romantismo, Antônio Cláudio Soído. No comentário sobre o poema de Soído, Rubens de Mendonça situa-nos sobre as condições que levaram o poeta àquela produção, um poema dedicado à noiva Maria Justina da Gama, ao presenteá-la com uma quarta de carvão. Nesse caso, o historiador cumpre papel de crítico, na medida em que cria condições para que possamos entender o “tão escuro presente” citado no poema.

Outro aspecto do estilo de Rubens de Mendonça que sobressai no livro está voltado à concepção do poético que norteou o escritor e ao exercício poético inspirado na forma clássica do soneto. Lembramos novamente Barthes para afirmar que é pela escrita que o artista assume sua função social; é ela quem dita o valor e o destino social de sua obra. (Barthes 2000: 13 -14).

O compromisso com a forma da escrita poética foi importante à literatura do Estado para que se pudesse exemplificar o valor dessa produção, com versos no mesmo nível de sonetistas famosos. Se no Romantismo oficial, por exemplo, o “gênero entre todos contemplado foi o romance” (Bosi 1989: 106) que, com uma linguagem mais espontânea, conseguiu

atender ao apetite romanesco de massas de jovens leitores e leitoras; no Romantismo mato-grossense predominou a poesia, com a preocupação estética cristalizada na preferência pela forma clássica do soneto.

Da poesia romântica, Rubens de Mendonça passa à prosa. Nesse capítulo, irá tratar também da produção popular, com o título *Os tropeiros do sertão*. O crítico cita as quadras com suas estórias folclóricas que tratam do amor, da mulher morena, do sertanejo, como também cita os desafios do repente e confirma a presença de espírito e a habilidade dos versejadores. Contudo, o historiador não posiciona o repente no espaço do livro dedicado à poesia, mas junto às crônicas e jornais, apesar de reconhecer que estamos diante de hábeis versejadores: “Têm-se encontrado, igualmente, entre as poesias sertanejas, espécimes outros de versos que escapam as classificações estabelecidas pelos componentes no assunto. São versos em branco, às vezes exóticos, que Marinetti e seus epígonos não poriam, talvez, dúvidas em sub-screvê-los” (Mendonça 2005: 77).

Assim, o crítico transmite ao leitor uma visão do cânone literário de seu tempo que não aceita a produção oral e que reconhece na literatura apenas a arte das palavras. Na concepção do poeta Rubens de Mendonça, a poesia é fruto do trabalho com o intelecto. Nesse sentido, a produção popular é tão somente representação da cultura, parte das festas dos sertanejos e manifestação do ludismo das folias. Hoje, entendemos que o poético na produção popular não pode ser visto como inferior à representação do cânone literário, haja vista a produção de poetas como Patativa do Assaré, cujo reconhecimento exemplifica essa atualização do cânone.

Contudo, para o contexto literário de Rubens de Mendonça, o trabalho técnico com o poema deve estar muito à frente das condições primeiras de inspiração, por isso o repente é reduzido à simples manifestação cultural. Importa também, nesse sentido, entender que para os românticos mato-grossenses a poesia não constitui apenas expressão de sentimentos e seu material não se resume à subjetividade lírica. Entendemos que na poética de Mato Grosso o conteúdo enreda ao mesmo tempo uma preocupação cultural voltada à valorização da região e uma preocupação estética, fruto da formação dos poetas acadêmicos. O número de autores parnasianos citados confirma essa preocupação.

Outro aspecto do estilo de Rubens de Mendonça que revela a personalidade do crítico é a apreensão do veio satírico na análise das produções do Estado. O historiador acaba revelando ao leitor um modo de composição comprometido com o social e o político, ajudando a recompor uma vertente pouco estudada no âmbito do Romantismo nacional.

A sátira não foi gênero extenuante do período romântico no panorama da literatura brasileira. Se nos árcades, para os quais o melhor exemplo são as Cartas chilenas, isso ocorreu impulsionado pelo contexto revolucionário dos iluministas e do ambiente da colonização; no Romantismo, o gênero satírico teve poucos representantes, como é o caso de Bernardo Guimarães. O processo de idealização à Pátria e o sentimento heróico do poeta-vate apagam ou atenuariam a verve do sátiro no autor romântico.

Entre os poetas românticos e satíricos, Antônio Augusto Ramiro de Carvalho é mostrado como poeta humorista que se dedicou ao jornalismo republicano. O poeta satiriza a festa do aniversário do imperador Dom Pedro II, comparando-a ao carnaval. Outro satírico desse período foi Frederico Augusto Prado de Oliveira, o Zé Capilé. Seus versos fizeram oposição à presidência do coronel Antonio Paes de Barros (Totó Pais), escrevendo

no jornal *A coligação*. Indalécio Leite Proença é o terceiro satírico citado. Autor do folheto, *Sátiras anônimas*, onde assina *Um cuiabano*, criticou o governo de Dom Aquino Correa. O veio satírico do poeta mato-grossense nos remete à poesia de Gregório de Matos, ao comparar Bahia e Mato Grosso:

Se a Bahia é boa terra,
Mato Grosso inda é mió;
Pau-rodado cria proa,
Furta bem, enche o bocó.

Enquanto o poeta baiano se indispõe contra o estrangeiro, chamado de *brichote*; o poeta mato-grossense se indispõe contra o *pau-rodado*, alcunha dos aventureiros de outros estados que vieram para Mato Grosso movidos pelo desejo de riqueza.

Outros poetas humoristas citados pelo historiador foram o poeta parnasiano, Soter Caio de Araújo, com o pseudônimo de João da Escola; e o moderno Euricles Mota, um dos signatários do grupo *Graça Aranha*, que escreveu no jornal *O combate*, com o pseudônimo Zé Ceguinho e Luís de Cáceres.

Rubens de Mendonça, na medida em que nos apresenta autores satíricos da literatura do Estado, leva-nos a entender que os escritores, sentindo a ameaça ou revolta diante das injustiças sofridas ou percebidas — bom lembrar que a maior parte trabalhava em jornais — fazem da literatura bandeira de protesto e compõem um quadro da nossa tradição literária colonial que remete à poesia de Gregório de Matos.

Todos os poetas citados na obra apresentam pouca produção, o que segundo Rubens de Mendonça se justifica diante da dificuldade de publicação na época. A historiografia do autor, nesse sentido, traz testemunho dos problemas que afligem o escritor fora dos grandes centros. Tratando da genialidade de Gervásio Leite, por exemplo, o historiador afirma: “vivesse em outro centro, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, teria, pelo seu talento e cultura, projeção internacional”. Essa questão estende-se a um outro aspecto, ainda mais ressaltado na obra: o aspecto regionalista.

O estilo amarra o humor do escritor à sua linguagem (Barthes 2000: 13). É nessa que poderá encontrar a familiaridade com a História e sua própria história. O regionalismo, nesse sentido, está presente na preferência pelos poemas que trazem a paisagem da região incorporada à mensagem, como também presente no modo compromissado pelo qual o historiador trata seu Estado e sua literatura. A memória do escritor forma seu estilo e informa sua escrita.

O enfoque na literatura como missão foi adotado pela historiografia que se formava no Estado, o que justifica o tratamento dispensado por Rubens de Mendonça: ““Nós damos, em nosso trabalho, preferência sempre para a página do escritor em que fala das nossas coisas. É que Mato Grosso é um Estado quase sem propaganda. Daí o motivo por que transcrevemos sempre o que fala do nosso folclore, das nossas paisagens, da nossa história, dos nossos costumes” (2005: 138).

O nacionalismo crítico no início da literatura brasileira constituiu fator de eficácia estética e, para crítica, foi recurso ideológico compreensível em uma “fase de construção e autodefinição” (Candido 1981: 29).

A crítica literária nacional superou esse momento de afirmação em que foi necessário pôr à prova a literatura enquanto expressão da cultura e alma nacional, mas no período vivenciado por Rubens de Mendonça o compromisso literário com o contexto social e mesmo com a geografia da região funcionou como preservação da memória cultural.

Pensar a formação da literatura mato-grossense com os mesmos critérios que explicam a formação da literatura nacional ajuda a explicar o sentimento de missão que marca desde os primeiros autores até os modernos. Segundo Candido, por esse sentimento de missão explica-se o rigor, a contensão emocional e, ao mesmo tempo, a acentuada vocação aplicada dos nossos escritores, “por vezes verdadeiros delegados da realidade junto à literatura” e com pouco “da gratuidade que dá asas à obra de arte”. Assinala Candido: “Aliás, a coragem ou a espontaneidade do gratuito é prova de amadurecimento, no indivíduo e na civilização; aos povos jovens e aos moços, parece traição e fraqueza” (1981: 27).

A historiografia de Rubens de Mendonça vai nos mostrar que a história de uma literatura recente, em formação, não poderia prescindir das características da região e sua paisagem local. Na análise da poesia romântica, torna-se mais evidente essa preocupação. O Romantismo foi o primeiro movimento literário apresentado por Rubens de Mendonça que dele extrairá grande leva de poetas e prosadores.

As associações que vão anteceder à Academia ainda estavam impregnadas pela alma romântica, em um ambiente favorecido pela cidade, conforme assinala Rubens de Mendonça:

O ambiente propício de Cuiabá, da época, talvez o oferecesse em seu meio, mais ou menos à semelhança de São Paulo, por volta de 1830. Sem a clássica garoa da paulicéia e sem sua tradicional faculdade de Direito, por onde passaram os grandes vultos do país (...). Cuiabá, na sua penumbra também oferecia um aspecto romântico, era campo propício para as boêmias discretas de jovens talentosos. (2005: 117)

Esse ambiente romântico somente sofreu alterações com a chegada do Parnasianismo. Segundo o historiador, o período que vai de 1932 a 1937 representa para Mato Grosso um século de evolução literária. Nesse período o Centro das Letras Mato-grossenses passa a ser a atual Academia Mato-grossense de Letras, coincidindo com o início tardio do Parnasianismo no Mato Grosso. Ciente do atraso literário vivenciado pelos escritores, o historiador afirma que “até 1932, os nossos poetas rimavam vilancetes”.

O primeiro nome de evidência, após o Romantismo, é o de Otávio Cunha Cavalcanti, parnasiano, autor de “jóias da poesia nacional”. Há muito da estética romântica em boa parte dos poetas parnasianos citados que acabam por ressuscitar imagens famosas dos “mares bravios” dos românticos.

Mesmo nos versos parnasianos, há a preocupação ou devoção à paisagem. O regionalismo define o poético para o poeta e para o crítico. *As Bucólicas cuiabanas* de Arnaldo Serra exemplifica esse tipo de preocupação.

Parnasiano famoso, mais do que os demais citados foi Dom Francisco de Aquino Correa. Rubens de Mendonça ressaltava sua descendência ou tradição literária enquanto homem da Igreja e das Letras; por outro lado reconhece que a situação clerical limitou sua arte de fazer versos à poesia épica e religiosa. Destaca ainda o orgulho do poeta cuiabano que em viagem à Suíça escreveu um poema referindo-se à terra natal. Imagens românticas da paisagem idealizada são ressuscitadas:

Vejo tudo isto, e sonho a minha terra
Tão virginal, ao sol, que a beija e doura,

Ulisses Cuiabano, por sua vez, primeiro poeta mato-grossense a escrever o Haikai, dedicou-se também ao estudo do folclore, deixando vários ensaios; pertenceu à Academia Mato-grossense de Letras. O poema transcrito, *Garimpeiro das rimas*, faz alusão direta à poesia de Rubens de Mendonça em *Garimpeiro do meu sonho* e à obra *Cascalho da ilusão*. O poema de Ulisses Cuiabano nos remete a uma profissão de fé, ao gosto de Bilac.

Garimpeiro viril rebusca, em dura lida,
Esmeralda e rubim, topázio e gemas caras.

José de Mesquita também é classificado como parnasiano, mas somos informados pelo historiador que o poeta evoluiu para versos modernos como, por exemplo, em *Ritmos novos*. Rubens de Mendonça descreve a formação de José de Mesquita e sua importância para o cenário mato-grossense, enquanto poeta, historiador, romancista e jornalista, fundador da Academia e participante ativo de todos os movimentos culturais do Estado.

Sobre o Simbolismo mato-grossense, o historiador não apresenta um número representativo de poetas, como foi possível no Romantismo. O Simbolismo no Estado, assim como no restante do país, não teve a repercussão e aceitação que esperávamos. Do Simbolismo o historiador passa para o Pré-modernismo, iniciando com a figura do poeta Carlos Vandoni de Barros. Notamos com ele, a presença de uma linguagem mais regionalista e indianista, tal como em “fervilha o cururu no rancho de acuri” ou no verso “viola de ximbuva e tripas de bugio”. Trata-se de um modernista que nos remete ao Modernismo da redescoberta do Brasil.

Um dos poetas mais importantes dessa fase, para Rubens de Mendonça, foi Cavalcanti Proença. É com intimidade que o historiador se refere ao poeta, como “Maneco” Proença. Dos modernistas destaca ainda a figura de Hélio Serejo e de Lobivar Matos. O primeiro foi considerado como o poeta do sertão, “cantor dos Sertões do Oeste”. Já o segundo é o poeta da geração da Primeira Guerra Mundial, poeta de inspiração revolucionária e com forte traço regionalista.

Rubens de Mendonça comenta a divisão de diferentes gerações de escritores após a Primeira Guerra Mundial. A poesia de Lobivar Matos representa um salto qualitativo na literatura mato-grossense se considerada a poética tardia de seus românticos, parnasianos e simbolistas. Seus versos nos fazem recordar *Essa negra fulô* de Jorge de Lima, ao sabor do regionalismo modernista.

Da revista modernista *Pindorama*, Rubens de Mendonça destaca Henrique Rodrigues do Vale, poeta de versos breves, e Rubens de Castro, que dirigiu o jornal literário *Ganga* com João Antonio Neto e Agenor Ferreira Leão.

Sobre si mesmo, na qualidade de poeta, o historiador Rubens de Mendonça se auto-afirma enquanto poeta moderno, participante ativo do grupo de *Pindorama* que ele mesmo define como o “grito de revolta contra o academismo”. Segundo o historiador, a proposta se justifica diante do atraso literário do Estado que ainda se encontrava em meio às manifestações românticas. Rubens de Mendonça, juntamente com Gervásio Leite, pretendeu a modernização das Letras mato-grossenses, expressando-se por meio do grupo modernista de *Pindorama*. Malgrado a frustração do grupo, articularam o *Movimento Graça Aranha*, cujo manifesto visava: “levar à Nação a nossa mensagem feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos” (Mendonça 2005: 172).

Novamente, o grupo de Rubens de Mendonça não obteve a repercussão e o fervilhar de discussões pelos quais esperava. A única personalidade que respondeu ao manifesto foi o jornalista Arquimedes Pereira Lima que escreveu um artigo exigindo o fim das Academias e de Centros literários, esquecendo-se, ou ignorando, que a proposta de reforma partia dos próprios membros da Academia.

É de forma crítica que Rubens de Mendonça comenta seu trabalho e, apesar de citar todas suas publicações, não transcreve nenhum poema, conforme ele mesmo afirma: “não transcrevo nenhum trabalho de minha autoria. Apenas registro as obras que publiquei, para com isso provar que a minha geração fez alguma coisa para o Estado”. O poeta não alcançou o Modernismo em poesia, tal como pregou em *Pindorama*. Mas o crítico acerta na modernidade apontada em Gervásio Leite, Manuel de Barros, Euricles Mota, Wladimir Dias Pino, Corsíndio Monteiro, Silva Freire, entre outros.

O poeta concretista Wladimir Dias Pino merece atenção especial do historiador que o considera o maior de todos os poetas concretistas de Mato Grosso, um dos chefes do movimento novo, o concretismo, na literatura brasileira.

Da ala feminina, são poucas as poetisas destacadas. A poetisa cuiabana do Parnasianismo, D. Maria de Arruda Muller, foi reconhecida como a primeira da Academia Mato-grossense de Letras. Do Modernismo, a poetisa Vera Iolanda Randazzo é exemplo de originalidade, com um “estilo ameno e gracioso”. Seus versos nos jogam para uma espécie de interrogação social, com aparente desinteresse. Também é lembrada Amália Verlangière que, segundo o crítico, “não sendo sonetista, vai, entretanto, burilando a forma no ritmo compassado do verso livre, no qual determina ângulos suaves, numa saltante multiplicidade de facetas graciosas”.

A crítica e historiografia literária atual tem reconhecido o mérito do trabalho de Rubens de Mendonça. Hilda Gomes Dutra Magalhães afirmou que não há nenhum outro “compêndio que reúna tantos nomes da literatura do Mato Grosso indiviso” (2001: 205). A historiografia de Rubens de Mendonça é indispensável para quem deseja iniciar-se na literatura mato-grossense ou para a crítica que intenciona novos trabalhos, como o de Hilda

Dutra Magalhães e Carlos Gomes de Carvalho. O fato é que a leitura do historiador, na medida em que excursiona pela poesia do Estado, inventaria e, ao mesmo tempo, desvela um universo poético de obras e autores ainda inéditos, em sua maioria, a nos convidar para seu enigma. No convite a esse enigma da poesia, Drummond uma vez nos perguntou: “trouxeste a chave?”. Talvez, não soubesse o poeta, tão confortável em sua posição merecida no cânone, que outras portas devem ser abertas muito antes.

THE POETRY FROM MATO GROSSO IN THE TARGET OF
RUBENS MENDONÇA, AS A HISTORICIST, A CRITIC AND A POET

ABSTRACT: The analysis presents the literary historiography by the poet and historian Rubens de Mendonça, considering the main representatives of mato-grossense literature, from the origins to the cultural assertion moment. It was an attempt to retrieve the style of the historian, following the instructions of Roland Barthes; and to identify the merit of the critic who knew how to interpret the different literary manifestations of the State of Mato Grosso. Rubens de Mendonça reveals a poetical universe of works and authors most of them still unpublished; and he instigates us to the analytical thinking of his production.

KEYWORDS: Historiography, Literature, Poetry, Mato Grosso.

OBRAS CITADAS:

BARTHES, R. 2000. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.

CARVALHO, C. G. de. 2003. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal.

CANDIDO, A. 1981. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia.

MAGALHÃES, H. G. D. 2001. *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: UNICEN. (Coleção Tibanaré).

MENDONÇA, R. de. 2005. *História da Literatura mato-grossense*. Cáceres: UNEMAT.